

# IX SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

23 a 24 de Janeiro de 2020

## POSSIBILIDADES E CONTRADIÇÕES DE MASCULINIDADES DISSIDENTES POR HOMENS *TRANS*

Vivian de Fátima Teixeira Thomáz (Departamento de psicologia da Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil); Carolina Laurenti (Laboratório de Filosofia e Metodologia da Psicologia, Departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil).

contato: viviantthz@gmail.com

**Palavras-chave:** Masculinidade. Transexualidade. Comportamentalismo radical. Despatologização.

O fenômeno da transexualidade é comumente explicado como alguém que quer pertencer ao outro sexo. Desde o século XX é caracterizada como uma patologia e está descrita no *Diagnostic and Statistic Manual of Mental Disorders* (DSM-V) como “Disforia de gênero”. Para alcançar o diagnóstico, que é um requisito para ser legitimada socialmente e juridicamente, espera-se que uma pessoa transexual sinta disforia, repudiando seus órgãos genitais e desejando construir um corpo que esteja de acordo com os padrões binários de feminino e masculino. Portanto, intervenções biológicas se fazem necessárias, como a hormonioterapia e a cirurgia de redesignação genital. No entanto, com vistas ao processo transexualizador, profissionais da saúde ficam sob controle de topografias de comportamentos estereotipados do que é ser homem. Assim, o diagnóstico não só enquadra pessoas na categoria transexual, mas cria condições para que sejam reforçados comportamentos que estejam de acordo com práticas culturais que são opressivas para mulheres, minorias sociais, pessoas que não se adequam nas normas binárias de gênero e para os próprios homens, que sofrem por não corresponder às expectativas do que é ser “um homem de verdade” na sociedade. Pautando-se nessa discussão, o objetivo desta pesquisa foi verificar a possibilidade de homens *trans* apresentarem outras masculinidades que não sejam a hegemônica. Para tanto, foi realizada uma pesquisa empírico-exploratória, cujas fontes foram informações obtidas por meio de entrevistas semiestruturadas com quatro homens transexuais. Os dados foram analisados de maneira qualitativa, com base no comportamentalismo radical e mostraram que a construção do corpo masculino confere aos homens *trans* a passabilidade, o que faz com que eles sejam identificados socialmente como homens, obtendo privilégios que antes não havia. Contudo, para garantir os reforçadores exclusivos dos homens, espera-se que homens *trans* ajam de acordo com padrões de masculinidade hegemônica, subscrevendo padrões de comportamento tipicamente masculinos, tais como: não chorar, sem forte, viril, não ser sensível, realizar trabalhos que exijam força física, ser heterossexual e ativo nas relações sexuais. Apesar do que é esperado dos homens *trans* socialmente e no âmbito de sua própria comunidade, os dados apontaram para a existência de comportamentos que não são enquadrados em práticas culturais de masculinidade hegemônica, revelando uma contradição de discursos que ora corroboravam para a construção de uma masculinidade dissidente e ora não. Considerou-se que a existência de contradição já demonstra a possibilidade do rompimento com práticas culturais machistas, desde que haja um contexto de reforçamento desses comportamentos dissidentes. A psicologia, como categoria indispensável para o diagnóstico das pessoas transexuais, possui um compromisso ético e político em não reforçar comportamentos compatíveis com as normas de gênero e a dominação masculina, repensando os critérios que as/os psicólogas/os se pautam para dizer quem é transexual. Mas,

# IX SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

23 a 24 de Janeiro de 2020

primordialmente, urge repensar a própria necessidade de um diagnóstico para as pessoas transexuais. A despatologização de gênero permite que existam outros comportamentos que não estejam descritos no que é ser “transexual de verdade”. Dessa forma, novos comportamentos podem surgir mesmo que não sejam condizentes com o que as categorias “transexual” e “homem” prescrevem.